

Biografias de atores políticos brasileiros como estratégia editorial em cenários eleitorais

Biographies of Brazilian political actors as an editorial strategy in electoral scenarios

REVISTA
com política

revista compolítica

2020, vol. 10(3)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.3.318

 Open Access Journal

Felipe Adam

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)
[Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul]

Sérgio Luiz Gadini

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
[State University of Ponta Grossa]

Resumo

O artigo verifica como os jornalistas brasileiros recontam a trajetória dos atores políticos em obras biográficas, em momentos de disputa eleitoral. A perspectiva metodológica da jornada do herói, elaborada por Joseph Campbell, em diálogo com a proposição de Edvaldo Pereira Lima, orienta a reflexão. As narrativas que ilustram o texto são os livros “A história de Lula, o filho do Brasil, de Denise Paraná, “A vida quer é coragem: A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil”, assinado por Ricardo Batista Amaral, e “Bolsonaro: O homem que peitou o exército e desafia a democracia”, de Clóvis Saint-Clair. Como resultado, constata-se que as biografias funcionam como um instrumento de divulgação para quem deseja ser lembrado pelos eleitores, às vezes, semelhante à idolatria. Ademais, os biografados são tratados como predestinados, que não têm problemas ou contradições na trajetória política descrita.

Palavras-chave: Biografia como produto editorial, Jornada do herói, Narrativas biográficas.

Abstract

The article examines how Brazilian journalists recount the trajectory of political actors in biographical works, during moments of electoral dispute. The methodological perspective of journey of the hero, elaborated by Joseph Campbell in a dialogue with the proposition of Edvaldo Pereira Lima guides the reflection. The narratives that illustrate the article are the books “A história de Lula, o filho do Brasil), by Denise Paraná, “A vida quer é coragem: A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil”, signed by Ricardo Batista Amaral, and “Bolsonaro: O homem que peitou o exército e desafia a democracia”, written by Clóvis Saint-Clair. As a result, it appears that the biographies work as a dissemination tool for those who wish to be remembered by voters, sometimes similar to idolatry. Furthermore, the subjects of the biographies are treated as predestined, who have no problems or contradictions in the described political trajectory.

Keywords: Biography as an editorial product, journey of the hero, biographical narratives.

Biografias de atores políticos brasileiros como estratégia editorial em cenários eleitorais

Felipe ADAM
Sérgio Luiz GADINI

As eleições majoritárias de 2018 no Brasil promoveram um debate acirrado, principalmente, nas redes sociais. A internet é a peça fundamental do carrossel político, e a televisão, que ditou as regras das campanhas desde o fim da ditadura, em 1985, não decidiu o resultado eleitoral. Se antes, políticos, empresários ou artistas dependiam do aparelho para chegar aos lares e persuadir o eleitor, hoje, cada um à sua maneira – e pelos dispositivos móveis –, tenta convencer quem o acompanha.

A indústria cultural se apropria e, estrategicamente, utiliza tais momentos¹. Um dos produtos é o livro. Embora o mercado editorial não esteja tão forte, com crises em livrarias – incluindo a falta de verbas e a demissão de funcionários –, o campo político enxergou no segmento das biografias uma espécie de vitrine tão estratégica quanto outras ações. Nos Estados Unidos, por exemplo, é comum as editoras publicarem biografias de presidenciáveis. Para ilustrar, dois exemplos recentes: em 2008, o então jovem senador pelo estado de Illinois, Barack Obama, escreveu *Change we can believe in* (tradução livre: “Mudança em que podemos acreditar”), em que o político abordava o plano prévio de renovação da América. Na eleição de 2016, o empresário Donald Trump acompanhou a onda e publicou *América debilitada: Como tornar a América grande outra vez*. Em ambos os casos, os títulos remetem às mensagens trabalhadas na campanha eleitoral.

No Brasil, a cultura de associar publicações biográficas a anos eleitorais não é tão comum quanto nos EUA ou na Europa. Porém, percebem-se exemplos concretos, como o livro *O sonhador que faz: A vida, a trajetória política e as idéias de José Serra* (2002), do jornalista goiano Teodomiro Braga; *Um desafio chamado Brasil* (2002), elaborado pelo

¹ Durante o ano de 2018, produtos tais como bonés, camisetas, canecas, chaveiros foram intensamente comercializados nas ruas com o rosto do presidenciável Jair Bolsonaro. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015, p. 19) afirmam que vivemos a era do capitalismo artista: “O consumo com componente estético adquiriu uma relevância tal que constitui um vetor importante para a afirmação identitária dos indivíduos”.

político cearense Ciro Gomes e *Quando a política vale a pena* (2014), escrito pelo então senador mineiro Aécio Neves.

Este texto observa como os jornalistas brasileiros recontam a trajetória dos atores políticos em obras biográficas, em momentos de disputa eleitoral. Ilustram a reflexão, livros de dois ex-presidentes da República e um recém-eleito – todas assinados por jornalistas: *A história de Lula, o filho do Brasil* (2009), da paulista Denise Paraná; *A vida quer é coragem: A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil* (2011), assinado pelo mineiro Ricardo Batista Amaral e *Bolsonaro - O homem que peitou o exército e desafia a democracia* (2018), escrito pelo carioca Clóvis Saint-Clair.

O poder simbólico e o campo político

Como produto cultural, a biografia é usada como estratégia em disputas eleitorais, principalmente pela visibilidade e impacto sobre o público. Não se pode mensurar o quanto os livros decidem eleição, mas vale avaliar como as histórias de vida em formato de livro são costuradas em virtude do cenário político eleitoral.

O poder e o controle que o campo político exerce na conjuntura social favorece definições de agendas midiáticas. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2011, p. 199), esse campo produz um certo isolamento, “(...) quanto mais um espaço político se autonomiza, mais avança segundo sua lógica própria, mais tende a funcionar em conformidade com os interesses inerentes ao campo, mais cresce a separação com relação aos profanos”.

É importante esclarecer que, quando se trata de um campo, a potência da força aplicada pelo indivíduo poderá ser proporcional à importância do agente naquele espaço, de acordo com o cargo ou função. Sendo assim, os sujeitos pertencentes ao campo político dispõem de capitais desiguais que ocasionam lutas simbólicas divergentes. “O poder político é peculiar no sentido de se parecer com o capital literário: trata-se de um capital de reputação, ligado à notoriedade, ao fato de ser conhecido e reconhecido, notável” (Bourdieu, 2011, p. 204). Até pouco tempo atrás, quem fornecia essa visibilidade era a televisão; porém, pela evolução da tecnologia e devido ao advento das redes sociais, o

indivíduo daquele determinado campo – seja político, religioso, artístico – passou a ser mais efetivo socialmente. “[A]s organizações midiáticas tradicionais não saíram de cena, mas sim desceram do palco central e agora colaboram e competem com vários outros atores, com os quais disputam pela atenção de múltiplas audiências” (Primo, 2011, p. 141).

Para Bourdieu (1989, p. 07-08), a autonomia dos campos tem estreita relação com a força que o sujeito possui e consegue atingir. É o chamado poder simbólico, que é, “(...) com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. A cultura simbólica que une também é a cultura que segrega, pois a analogia se define “(...) numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos” (Bourdieu, 1989, p. 14).

No aspecto político, a busca pelo salvador da pátria tem sido o grande mobilizador no cenário eleitoral. Em especial, no momento da espetacularização² dos casos. O professor Antonio Albino Canelas Rubim (2002, p. 4) relembra que “(...) a política não se realiza sem o recurso às encenações, aos papéis sociais especializados, aos ritos e rituais determinados” e ilustra citando os casos de coroação de rei, a posse de presidente e as manifestações de rua. A fim de entender a etimologia e os distintos significados de espetáculo, Rubim acrescenta:

Indo às origens, busca-se traçar um mapa de sentidos e acionamentos que constituem o conceito. *Spetaculum*, raiz semântica (latina) de espetáculo, tem como significado tudo que atrai e prende o olhar e a atenção. Recorrendo ao dicionário, três outras acepções de sentido podem ser enumeradas: representação teatral; exibição esportiva, artística etc e cena ridícula ou escândalo. (...) O espetáculo remete também à esfera do sensacional, do surpreendente, do excepcional, do extraordinário. Daquilo que se contrapõe e supera o ordinário, o dia-a-dia, o naturalizado. A instalação no âmbito do extraordinário potencializa a atenção e o caráter público do ato ou evento espetacular. (Rubim, 2002, p. 05).

O jurista Rubens Roberto Rebello Casara se apropria do conceito de espetacularização cunhado pelo francês Debord para explicar que ela é uma das características do Estado

² Essa definição faz referência ao termo “sociedade do espetáculo”, que dá nome também ao livro do cineasta e escritor francês Guy Ernest Debord, publicado em 1967. Para ele, o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.

Pós-Democrático de Direito: se antes havia a existência de limites rígidos ao exercício de qualquer poder, nesta nova “fase”, há o desaparecimento dos valores constitucionais, na qual tudo é negociável e transformado em mercadoria. Casara (2017) caracterizou esse momento ao lembrar que manifestações sociais, por exemplo, idealizam algum personagem que represente a vontade popular - na verdade, a visão de mundo dessa parcela da sociedade. “Com a demonização da política, a população passa a desejar ser gerida por *outsiders*, pessoas que se apresentam como heróis ou gestores, mas sempre políticos que, arditamente, se afirmam não políticos” (Casara, 2017, p. 182). Diante disso, é possível perceber um forte apelo também à crença do sebastianismo³. E mais:

Esse “salvador da pátria” pode ser um juiz midiático (“messianismo jurídico”, para utilizar a expressão da cientista política espanhola Esther Solano), um militar saudosista dos regimes de exceção (“messianismo bélico”) ou um empresário de sucesso (“messianismo empreendedor”). Não importa: entre pessoas autoritárias, os heróis sempre serão autoritários. (Casara, 2017, p. 182-183).

Na trajetória brasileira, observa-se que o cidadão priorizou a política e o esporte (leia-se futebol) como sendo seu talismã. À medida que essas duas fontes adquiriam descrédito, a mídia – por meio da indústria de massa – elencou outros salvadores que pudessem libertar a sociedade das mazelas e resgatar a pacificação. Em pouco mais de uma década, vários assumiram essa função: o ex-ministro Joaquim Barbosa no julgamento do Mensalão; a figura fictícia do capitão Nascimento, protagonista do longa *Tropa de Elite*⁴; o ex-juiz responsável pela Operação Lava-Jato Sergio Moro – e antigo ministro da Justiça e Segurança Pública do governo Bolsonaro; o ex-prefeito de São Paulo e hoje governador João Dória e mais recentemente, o presidente eleito Jair Messias Bolsonaro.

³ Movimento profético que surgiu em Portugal em fins do século XVI como consequência do desaparecimento do rei D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, em 1578.

⁴ Inspirado na obra *Elite da Tropa*, o longa estreou em 2007 com direção de José Padilha e foi protagonizado pelo ator Wagner Moura na personagem do capitão Roberto Nascimento. Em 2010, o filme teve a sequência *Tropa de Elite 2: O inimigo agora é outro*.

O gênero biográfico e a política

Conforme já abordado neste artigo, o objetivo deste trabalho é observar as táticas de construção da imagem, que estão presentes nas biografias de atores políticos vivos em momentos de disputa eleitoral. As estratégias dos autores são variadas e contam com seleção dos fatos, um recorte que acaba por favorecer a história do biografado.

É importante contextualizar que, na produção de livros no Brasil, biografias representam 5.710.986 exemplares em 2017, com um crescimento de 11,14% na produção, se comparado a 2016⁵. Em 2018, dos 20 livros mais vendidos na categoria não-ficção⁶, cinco (25%) eram relacionados a histórias de vida. Percebe-se que há um nicho de trabalho e um público que também consome o gênero editorial.

Pierre Bourdieu (2001) adverte que existe uma certa ingenuidade de autores e leitores quanto à possibilidade de recontar a vida de alguém limitada a um livro, ou ainda afirmar que a história ocorreu naquela sequência, conforme detalhada nas páginas. O autor trabalha com a noção de ilusão biográfica, como se elucida a seguir:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (Bourdieu, 2001, p. 185).

Além disso, outro fator interessante são os textos hagiográficos⁷. François Dosse (2009, p. 139) esclarece que esse tipo de escrita “(...) pressupõe o desaparecimento do santo e uma construção singular dos testemunhos de sua vida, com a ideia de mostrar que a própria lógica de sua existência sempre foi orientada pela intenção de sacrificar-se pelos semelhantes”. Embora esses escritos fossem recorrentes na Idade Média, as hagiografias também eram encontradas no período do Renascimento. O historiador britânico Peter

⁵ Dados da pesquisa “Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro” (Ano-Base 2017). Encomendada pela Câmara Brasileira do Livro, Sindicato Nacional dos Editores de Livro e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, a pesquisa divulgou que os temas didáticos, religiosos e de literatura adulta foram os mais produzidos no Brasil. Disponível em <http://www.snel.org.br/apresentado-o-resultado-da-pesquisa-producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro-ano-base-2017>. Acesso em 10 dez. de 2018.

⁶ Disponível em <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/13/2018/0/0>. Acesso em 10 dez. de 2018.

⁷ Tipo de biografia que consiste na descrição da vida de algum santo, beato e servos de Deus proclamados por algumas igrejas cristãs.

Burke (1997, p. 89) admite que “(...) profecias sobre a grandeza futura do herói são um tema recorrente nas biografias renascentistas, tal como nas vidas dos santos medievais ou dos grandes homens da antiguidade”. Muitos livros que se leem na contemporaneidade são considerados chapas-branca por simplesmente “endeusarem” o protagonista diante da história – caso semelhante às biografias autorizadas.

Vilas Boas (2008) propôs uma reflexão a respeito da escrita biográfica ao levar em conta sete biografias⁸ assinadas por jornalistas. O pesquisador observa que os autores privilegiam as informações do biografado a tal ponto que o modo de biografar acaba se moldando a uma forma, com esquemas e limitações. Para fugir das regras pré-moldadas, Vilas Boas (2008, p. 25) constata que seis tópicos sempre se repetem nas obras avaliadas. 1) Descendência, 2) Fatalismo, 3) Extraordinariedade e 4) Verdade se relacionariam “(...) à maneira de pesquisar e compreender”; já 5) Transparência e 6) Tempo estariam “(...) diretamente associadas ao modo de expressar/narrar da biografia contemporânea” (Vilas Boas, 2008, p. 25). Embora essas seis reflexões não constituam o método escolhido para a análise dos três livros selecionados neste artigo, a atualidade da contribuição de Vilas Boas ainda se faz presente, em especial na relação parental, na singularidade em superar os desafios e na semelhança da extraordinariedade com a idolatria.

A heroificação provoca a ideia de que algumas pessoas, tidas como predestinadas, possam ter mais poder do que outras para vencer na vida. Ao indagar o que faz com que algumas pessoas ascendam e outras não nesse quebra-cabeça político e social, o sociólogo Jessé de Souza faz referência à classe média, um segmento que vive análogo a uma bolha, intocável das demais parcelas, mas que se apropria de um bem estratégico: o capital cultural. “As classes populares não são apenas despossuídas dos capitais que pré-decidem a hierarquia social. Paira sobre elas também o fantasma de sua incapacidade de ‘ser gente’ e o estigma de ser ‘indigno’” (Souza, 2015, p. 182). Em contrapartida, “(...) a classe média tende a se acreditar como a classe do ‘milagre do mérito individual’, conquistado pelo

⁸ Com o intuito de provar sua hipótese, Vilas Boas (2008) apresenta recortes das obras *JK: O artista do impossível*, de Claudio Bojunga; *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* e *Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha*, ambos de Ruy Castro; *Chatô: O rei do Brasil*, de Fernando Morais; *Mauá: Empresário do Império*, de Jorge Caldeira; *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e *Fidel Castro: Uma biografia consentida*, de Cláudia Furiati.

esforço, e não por privilégios de nascimento. A classe média é a classe da ‘meritocracia’ por excelência, retirando dessa falácia sua ‘dignidade’ específica” (Souza, 2015, p. 189).

Atrelado a isso, faz-se necessária a constatação proposta por Souza (2015), também abordada pelo pesquisador Luis Felipe Miguel no livro *Dominação e resistência* (2018): “Se o dominado socialmente não se convence de sua inferioridade, não existe dominação social possível” (Souza, 2015, p. 181). Essa reflexão infere que grupos considerados minoritários – e nesse debate, incluem-se as questões étnicas, ambientais, religiosas, de gênero – precisam delimitar seu local de fala numa sociedade que se diz pluralizada, mas, na prática, se reconhece assim apenas em parte. Em virtude da pouca visibilidade midiática, Miguel (2018, p. 206) adverte que esses grupos subalternos necessitam “(...) encontrar brechas que permitam que suas vozes sejam ouvidas, entre si e também por quem exerce o poder”. Assim,

A abertura de espaços para a participação popular direta é importante, entre outros motivos, como forma de redistribuição do capital político – ou, para utilizar um linguajar mais *up-to-date*, como forma de “empoderamento” dos cidadãos comuns, que ganhariam tanto graus de autonomia em sua vida cotidiana quanto qualificação para melhor dialogar com seus representantes. É a participação que pode ampliar seus horizontes, dar a eles o entendimento da lógica da política, torná-los mais capazes de intervir de maneira consciente, até mesmo estratégica, na formulação dos próprios interesses. (Miguel, 2018, p. 215).

Após explanar a relação bourdieusiana de poder simbólico e campo político, bem como o cruzamento deste com o gênero biográfico, parte-se para a análise das biografias propostas para este artigo. Abaixo, as obras em ordem de publicação, com uma avaliação preliminar a partir da leitura das mesmas. A intenção é entender como os jornalistas escritores abordaram a trajetória dos ex-presidentes Lula e Dilma num cenário pré e pós-eleitoral, respectivamente, e Bolsonaro num ano político. A análise se dá por meio do método da jornada do herói (Campbell, 2005).

A heroificação foi estudada na década de 1940 pelo mitólogo norte-americano Joseph John Campbell. O estudioso observou que as histórias de mitos e contos de fada eram compostas por etapas, as quais Campbell resolveu categorizar em 17, divididas em três etapas: A partida, A iniciação, O retorno – registradas no livro *O herói de mil faces*

(Martinez, 2008). Christopher Vogler adaptou essas características para o cinema, formatadas em 12 percursos, também divididas em três etapas, e registradas em *A jornada do escritor* (Martinez, 2008). Nele, o autor percebeu que filmes como *Indiana Jones* e *Star Wars* se utilizavam da técnica – ainda observada em outros campeões de bilheteria como a sequência do bruxo *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis*, bem como a animação *O Rei Leão*.

De fato, a Jornada do Herói ilustra o caminho que leva a pessoa a empreender vivências que a fazem mudar padrões de comportamento conscientes e inconscientes. De forma sintética, o percurso da aventura mitológica do herói reproduz os rituais de passagem, comuns nas sociedades primitivas, nas quais ocorre o padrão separação-iniciação-retorno. (Martinez, 2008, p. 53).

Foi o professor Edvaldo Pereira Lima (Martinez, 2008) o responsável por transpor essa técnica ao Jornalismo como forma de recontar a trajetória de histórias reais. Segundo o autor, seriam oito fases após a partida: 1) Cotidiano; 2) Chamado à aventura; 3) Recusa; 4) Desafios; 5) Caverna Profunda; 6) Testes; 7) Recompensa e 8) Retorno.

Martinez (2008) chama a atenção para um detalhe. Se a jornada do herói é aplicada para ambos os sexos, será que o estilo atende perfeitamente as histórias de vida das mulheres? Intrigada com a questão, a psicóloga Maureen Murdock interrogou Campbell sobre a dúvida, já que o mitólogo não comenta a respeito da trajetória feminina na jornada. Assim, “(...) Murdock desenvolve sua visão da Jornada da Heroína, que tem como ponto forte a observação de que as mulheres que empreendem a Jornada do Herói nos moldes masculinos saem do desafio com um gosto amargo na boca” (Martinez, 2008, p. 139). Para tal, ela sugere dez passos para a construção das narrativas femininas: 1) Formação do feminino, 2) Identificação com o masculino e reunião de aliados, 3) Caminho das provações, encontrando ogres e dragões, 4) Encontrando o boom do sucesso; 5) Despertando os sentimentos da morte espiritual, 6) Iniciação e descida à deusa, 7) Apelo urgente para se reconectar com o feminino, 8) Curando a divisão entre mãe e filha, 9) Curando o masculino ferido e 10) Integração do masculino e feminino. Embora se utilize na amostra deste artigo a biografia de uma mulher, os autores priorizaram a técnica de Lima (Martinez, 2008), já que além de todos os três objetos empíricos serem escritos por

jornalistas, os outros dois protagonistas dos livros são homens e, por isso, Lima é o mais indicado.

Análise das biografias em questão

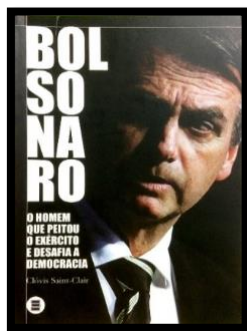
Figura 1 – Capa da biografia de Lula, escrita por Denise Paraná



Figura 2 – Capa da biografia de Dilma Rousseff, escrita por Ricardo Batista Amaral



Figura 3 – Capa da biografia de Jair Bolsonaro, escrita por Clóvis Saint-Clair



O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva já foi fonte de várias obras biográficas. Neste artigo, destaca-se o livro escrito pela jornalista Denise Paraná, originalmente publicado em 1996⁹, porém, republicado pela editora Objetiva em 2009, ao fim do segundo mandato de Lula. Com 144 páginas, *A história de Lula, o filho do Brasil*¹⁰ (Figura 1) serviu de roteiro para a produção da cinebiografia homônima.

Na leitura, é possível confundir se a obra tem a missão de recontar a trajetória do ex-presidente ou de biografar a mãe Dona Lindu, tamanha é a importância dessa figura feminina na composição do protagonista. Ela não é composta em fractais, mas a biografia é recontada em formato de textos curtos e objetivos.

A versão se limita à vida de Lula, desde o nascimento em 1945 na cidade de Caetés (PE) a 1980. Possui três partes: a primeira reconta a história de Dona Lindu até a migração dela e da prole – incluindo Lula – para Santos (SP); a segunda unidade parte dessa realidade na nova cidade até o casamento e a morte da primeira esposa de Lula, Lourdes.

⁹ O livro é fruto da tese de doutorado da autora em História Econômica, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 1995, sob o título *Da cultura da pobreza à cultura da transformação: a história de Luiz Inácio Lula da Silva e sua família*. Um ano depois, a primeira versão do livro fica pronta pela editora Xamã: *O filho do Brasil: de Luiz Inácio a Lula* (451 páginas). Em virtude das eleições de 2002, a Editora Fundação Perseu Abramo publica uma versão revista e ampliada: *Lula, o filho do Brasil* (527 páginas).

¹⁰ A obra serviria de roteiro para o filme *Lula, o filho do Brasil*, estreado em 1º de janeiro de 2010. Dirigido por Fábio Barreto, a cinebiografia era protagonizada pelo ator Rui Ricardo Diaz no papel-título e Glória Pires, como Dona Lindu. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filme/lulaofilhodobrasil/>. Acesso em 30 nov. 2018.

A terceira e última relata a origem da família de Marisa Leticia até 1980, ano tanto da morte de Dona Lindu quanto da soltura de Lula da prisão e posterior criação do Partido dos Trabalhadores (PT).

O primeiro aspecto da jornada do herói, a partir da ótica do professor Edvaldo Pereira Lima, “(...) permite apresentar o protagonista no seu mundo comum e revelar possíveis insatisfações, inquietações e conflitos que serão evidenciados no decorrer da narrativa” (Martinez, 2008, p. 64-65). Em seguida, surge o Chamado à aventura, fato que pode ocorrer numa situação calma e inesperada. “Esta mudança pode ser desencadeada por fatores alheios à vontade do protagonista (...) Comum, também, é o empurrão ser dado por uma pessoa, conhecida ou não, que exerce a função de mentor” (Martinez, 2008, p. 72). Na biografia de Lula, por exemplo, o responsável pelas transformações em sua vida foi o irmão Frei Chico, que o convidaria a participar do sindicato dos metalúrgicos. Porém, como em toda a história, nem sempre o chamado é aceito de forma imediata.

O terceiro tópico é a Recusa, a relutância em acolher o chamado e seguir a vida. Como na biografia de Lula, ele também não quis adentrar as reuniões do sindicato, conforme descrito pela jornalista Denise Paraná:

- Lula, vamos...Vamos pro sindicato comigo, vem!
- Frei Chico, sindicato? E eu tenho a minha mãe na zona pra ir pra sindicato?
- (...)
- Você tá falando bobagem! Ô cara alienado...
- Eu? Alienado? Não enche o saco, Frei Chico. Deixa eu assistir minha novela.
- Novela, Lula?
- É bem melhor ver novela do que encher linguiça no sindicato. (Paraná, 2009, p. 86).

Desafios são impostos ao protagonista. Segundo Martinez, é neste momento que ele precisa abrir mão de algo para iniciar uma nova fase na vida, “(...) que certamente o colocará no futuro num nível de aprendizado emocional, intelectual ou de vida muito mais amplo do que o que possui” (Martinez, 2008, p. 81). A indecisão de Lula perante a assiduidade nas reuniões esbarrava na insegurança de Lourdes, a namorada que sempre ouvia no trabalho que “(...) trabalhador direito, homem de família, não deveria mexer com isso” (Paraná, 2009, p. 87). Adiante, a analogia da Caverna Profunda se traduz na hora “(...) de verificar se está preparada, pois em breve enfrentará aspectos que até então

tenham sido negados na própria personalidade, áreas movediças nas quais o confronto pode ter sido cuidadosamente evitado” (Martinez, 2008, p. 89).

No sexto percurso, o herói se depara com testes, provações. Martinez (2008, p. 94) ilustra essa etapa com a seguinte citação: “Cada segundo parece ser importante, parece contar. A pessoa que enfrenta uma crise de saúde, uma perda amorosa, é salva por um triz de um acidente, renasce metaforicamente”. Lula sente a tentação na carne quando presencia, aos 25 anos, o falecimento da primeira esposa e do filho que ela esperava:

Lula vomitou. Caiu sentado no sofá da recepção do hospital. Estava acostumado a sofrer. Mas aquele era um sofrimento maior que o sertão. Maior do que o mar que conheceu em Santos. Maior do que tudo o que já tinha imaginado na vida. Quase desmaiou. O médico tentou lhe dar um calmante. Ele não quis. Por que ofereciam remédios, se quando Lourdes precisava não teve? Sua mulher morreu dando a vida, num avesso de parto. Seu filho nasceu sem nascer. Lula se sentia morrendo, com sua família. (Paraná, 2009, p. 93).

Embora o luto e a saudade sejam pesos inatingíveis de quantificar, a etapa seguinte do personagem principal é a Recompensa. Como? “Nas lendas, histórias e mitos, este é o ponto em que o herói da narrativa transcende a vontade de viver puramente para satisfazer seus desejos pessoais” (Martinez, 2008, p. 98). No caso de Lula, sua nova família foi a legião de homens e mulheres vinculados ao sindicato. Além disso, após ter conhecido a futura esposa, Marisa Leticia, o metalúrgico decide virar a página e encarar a vida de outra forma, de acordo com o trecho abaixo:

Seis meses depois de se conhecerem, em 1974, Lula e Marisa celebraram seu casamento no civil. Fizeram uma festinha simples, um almoço para Lindu, os pais de Marisa, o filho Marcos e os padrinhos. O novo casal passou uma semana de lua de mel em Campos do Jordão. Dessa vez Lula não voltou para casa mais cedo, chorando de saudade. Já estava mais maduro. (Paraná, 2009, p. 109).

A última etapa é o Retorno, instante em que o biografado atinge o renascimento. “Fisicamente é o mesmo, porém sofreu profunda mudança no aspecto psicológico. Esta transformação na sua personalidade, no eixo de seu Eu, deixa para trás uma série de hábitos, e o vazio abre espaço para uma nova dimensão de experiências” (Martinez, 2008, p. 111). Lula, após o casamento, se torna cada vez mais atuante no sindicato e passa a ser

o líder, o porta-voz de tantos associados. Ele simboliza, através de sua vivência, a esperança de outros colegas.

A biografia da primeira mulher presidente do Brasil (Figura 2) foi lançada em 2011 e escrita pelo jornalista Ricardo Batista Amaral, repórter político, ex-assessor da biografada em Brasília durante o cargo de ministra-chefe da Casa Civil e, ainda, durante a campanha à Presidência. O título faz referência a um trecho do livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, utilizado por Dilma Vana Rousseff no discurso de sua posse.

Publicada pelo selo Primeira Pessoa – pertencente ao Grupo Sextante –, a obra conta com 336 páginas, divididas em 22 capítulos, e tem a missão de recontar a vida de Dilma no período de 1947 a 2010, deste último ano tratando do domingo em que o País conheceu a nova responsável pelo Executivo brasileiro. Nesse ínterim, o autor entrelaça o lado pessoal e político da ex-presidenta com a história do Brasil recente.

Numa análise preliminar, observa-se que o livro respeita as características de uma biografia e, embora o autor seja próximo da protagonista, não se assemelha a uma hagiografia. O jornalista a apresenta como gestora, sob o título de mãe do PAC, além de abordar toda a experiência de Dilma como administradora em governos e responsável, no mandato de Lula, pelos programas Bolsa Família, Luz pra Todos, Pré-sal e Minha Casa, Minha Vida. Entretanto, sua fragilidade era exposta durante sua oratória.

Pelo viés da jornada do herói, consegue-se encontrar muitos aspectos do método adaptado por Edvaldo Pereira Lima. Em especial, na biografia de Dilma, as etapas também estão presentes. Por exemplo: o Cotidiano é um momento muito útil em que “(...) as sagas dos antepassados possibilitam compreender melhor o presente deste indivíduo” (Martinez, 2008, p. 69). No livro, o autor resgata a história familiar de Dilma. Abaixo, o trecho sobre o pai da protagonista:

Pétar Russév, este era seu nome original, nasceu no ano de 1900, numa família de coureiros da pequena cidade de Gabrovo. Havia séculos que a Bulgária era uma peça menor, conturbada e muito pobre no jogo político da Europa Central. Quando Pétar resolveu deixar seu país, um governo fascista sucedia a uma monarquia decadente, num contínuo de intolerância e atrocidades políticas. Tinha 29 anos e trabalhava na firma de comércio de tecidos de um tio na capital, Sofia. Deixou grávida a primeira mulher, Evdokya, e passou os 15 anos seguintes na França. (Amaral, 2011, p. 24).

O tópico seguinte, Chamado à aventura, é o gatilho que provoca uma ruptura, com o qual o indivíduo se questiona sobre suas atitudes e crenças. Para Dilma, criada de acordo com as tradições católicas e ainda estudante secundarista, esta fase corresponde à decisão de conhecer as reuniões da Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (ORM-Polop). A terceira etapa equivale à Recusa, ou seja, a indecisão do herói “(...) em assumir as responsabilidades envolvidas, ou simplesmente não querer abrir mão da vida confortável que desfrutam” (Martinez, 2008, p. 76). Pela leitura, Dilma não ficou insegura quanto aos fatos; pelo contrário, sempre foi decidida, conforme retratado pelo autor:

Entre a morte de Pedro Rousseff, as reuniões da Polop e o namoro com o jornalista revolucionário, a ex-aluna do Colégio Sion havia percorrido um caminho longo em ritmo veloz. Para começar, Dilma recusou o destino comum das moças de sua classe, que seria cursar a escola normal e tornar-se professora, como fizeram a mãe e as tias. (Amaral, 2011, p. 34).

Obstáculos surgem e os desafios precisam ser superados. Embora ter aceito as tarefas, às vezes, a fraqueza surgia com a sensação de que um novo terreno estava sendo desbravado. “Surgiram assim os cartões de Natal mais incrementados que a cidade já tinha visto. Nada podia ser menos revolucionário (e mais constrangedor para uma moça de classe média) do que vender cartões de Natal na porta das lojas do centro da idade, mas Dilma cumpriu a tarefa” (Amaral, 2011, p. 41). A Caverna Profunda é um percurso sutil, mas muito estratégico. É hora de perguntas: “A pessoa está alerta para as dificuldades que enfrentará ou se deixa seduzir por ilusões que a desviam do caminho? (...) Na hora mais difícil, a pessoa se encontra sozinha?” (Martinez, 2008, p. 91).

Como se aquele predestinado precisasse passar por um martírio, a jornada do herói reconhece ainda a fase de Testes. E, na história de Dilma, as provações são muito visíveis. O autor Ricardo Amaral soube, como repórter, ser muito perspicaz ao conduzir o capítulo seis: “Ainda havia luz quando Dilma foi jogada na cela das mulheres da Oban. Apresentou-se como Vanda, e uma prisioneira grávida, da ALN, deixou escapar: ‘Xii...Você está ferrada. Eles estão loucos te esperando’” (Amaral, 2011, p. 71). Após presenciar e vivenciar as torturas da cadeia militar, a biografada se sentiria livre após dois anos e dez meses. A partir desse episódio, Dilma conquistaria sua recompensa ao encontrar espaço nas gestões de colegas tanto em Porto Alegre quanto em Brasília. A

colheita dessa fase é muito intensa até que nos capítulos finais, a protagonista consegue celebrar a vitória da eleição de 2010, simbolizada por um telefonema: “Dilma fechou-se outra vez lá dentro para receber a notícia e os cumprimentos do presidente do TSE: os dados da apuração eletrônica, com o resultado de 92,53% das urnas naquele momento, indicavam que o Brasil tinha sua primeira presidenta eleita” (Amaral, 2011, p. 299-300). Era um comunicado carregado de história e preservação aos direitos humanos.

Lançado em agosto de 2018, o jornalista Clóvis Saint-Clair traçou um perfil do então candidato à presidência da República (Figura 3) Jair Bolsonaro. As 192 páginas começam com o nascimento do protagonista em, 1955, e seguem até junho de 2018, ou seja, antes do ataque sofrido pelo candidato em Minas Gerais e a posterior vitória nas urnas, após derrotar o adversário Fernando Haddad.

Embora seja louvável o esforço do autor em reunir informações sobre o biografado, o livro é resultado de uma síntese das falas polêmicas do deputado à imprensa desde 1988, quando se elegeu vereador pelo Rio de Janeiro em sua primeira corrida eleitoral. O autor optou em separar a vida de Bolsonaro em 16 capítulos intitulados de acordo com temáticas envolvendo o deputado. A partir do capítulo nove, Saint-Clair se dedica a trazer episódios controversos que emolduraram o político na figura de mito pelos seus seguidores. Assim foi em “Batalhão de Bolsonaros”, “Saudades da ditadura”, “Gays sempre na mira”, “Mulheres e um barraco federal”, “Índios e negros também no alvo”. O jornalista Felipe Pena chamaria esses capítulos como fractais, uma alternativa à biografia cronológica, já combatida por Bourdieu anteriormente. Segundo Pena (2004, p. 62), “(...) fraccionar essa identidade em múltiplas e similares identidades, em simetria de escala e recorrência de possíveis padrões, parece ser uma boa opção”. No caso de Bolsonaro, essa sistemática ajudou na compreensão da leitura.

Ao longo da obra, percebe-se que, se a imprensa não inventou o candidato Bolsonaro, pelo menos o legitimou, especialmente no intervalo das últimas duas eleições presidenciais, quando era recorrente a presença do deputado em programas de rádio e televisão. É o velho ditado popular tomando forma: “Falem bem ou falem mal, mas falem de mim”.

A metodologia do artigo pode ser utilizada para compreender a construção da identidade de Bolsonaro, a começar pelo cotidiano, quando apresenta o clã na figura do Seu Percy Geraldo e Dona Olinda.

A relação com o pai não era das melhores. Jair Messias não gostava do comportamento de seu Geraldo, um sujeito duro e enérgico, mas que era dado à boemia, tinha fama de beberrão e fumava muito, apesar de não permitir que os filhos fizessem o mesmo. Dona Olinda compensava a frieza. Era uma mãe afetuosa, preocupada com os meninos e os mantinha na linha na base do carinho, com hora certa para comer e dormir. (Saint-Clair, 2018, p. 20).

O chamado à aventura data de maio de 1970, quando recebeu um folheto de um soldado sobre o concurso da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx). Porém, Bolsonaro também pensou em abandonar a chance ao adentrar a instituição. “O cadete sofria nas aulas de Geometria Descritiva e chegou a pensar em desistir. Dispensado pelo departamento psicotécnico de ensino, ganhou uma semana de folga para pensar na vida e decidir se queria continuar” (Saint-Clair, 2018, p. 23-24).

O pai não aceitou a desculpa do filho; sua única alternativa era retornar à EsPCEx. Logo, Bolsonaro perceberia que a trajetória no Exército não seria fácil: seus Desafios foram uma sequência de problemas, a começar pela recusa no exame odontológico, prova de resistência com 10 kg amarrados à cintura e colisão em salto de paraquedismo. Em outras palavras, “(...) não seria o ímpeto em desafiar as condições climáticas e físicas o que abreviaria a carreira militar de Bolsonaro, e sim a sua falta de tato para lidar com ordens superiores. (...) Cavalão não aceitava cabrestos” (Saint-Clair, 2018, p. 26). Dentro do quartel, na década de 1980, Bolsonaro apresentava seu constante descontentamento, em especial, com os baixos salários. Em virtude disso, encaminhou um artigo à revista *Veja*, discorrendo suas reivindicações sem consultar os superiores. O texto iria polemizar na sociedade, e, pelo seu ato, Jair Bolsonaro ganhou um gancho de 15 dias para repensar atitudes. Todavia, esse período, na verdade, serviu para ele planejar um ato que resultou em mais problemas. Portanto, o momento da Caverna Profunda serviu ao biografado para refletir e, no caso, seguir adiante com as reclamações. Não demorou para que Bolsonaro acumulasse problemas por questionar demais.

O processo tinha dois objetos em análise: o artigo escrito para “Veja”, em 1986, em que o capitão reivindicou aumento salarial para a tropa, sem consultar seus superiores; e a declaração do militar à repórter da revista, mais de um ano depois, de que havia um plano para detonar bombas-relógio em unidades do Exército no Rio. Em 15 de dezembro, a acusação denunciou que Bolsonaro agira “comprometendo a disciplina e ferindo a ética militar”. (Saint-Clair, 2018, p. 39-40).

Se na caserna não era valorizado e, ainda, estava prestes a ser julgado, o protagonista decidiu trocar a farda pelo terno. Mas, antes, precisava planejar e encarar a candidatura para vereador. A saga de Bolsonaro ainda iria enfrentar outros testes, como a dificuldade financeira de manter a campanha. Estratégico, “(...) panfletava em locais de circulação e concentração de militares: na estação ferroviária da Central do Brasil; na porta dos quartéis ao fim do expediente; em conjuntos habitacionais destinados à turma verde-oliva” (Saint-Clair, 2018, p. 45). A Recompensa viria saborosa, ao conquistar 11.062 votos, sendo “(...) o 16º vereador mais votado entre os 42 eleitos. (...) Dali (...) Bolsonaro sairia para iniciar sua trajetória na Câmara dos Deputados, em Brasília, de onde não saiu até hoje” (Saint-Clair, 2018, p. 47).

Como se pode ver, na perspectiva da 'Jornada do Herói' (Martinez, 2008), a trajetória da personagem Jair Bolsonaro, na versão biográfica de Clóvis Saint-Clair (2018), pode-se identificar algumas das fases do roteiro da história proposta, como é o caso do Chamado à aventura, Recusa, Desafio e Caverna Profunda. Mas, pelas marcas narrativas presentes na narrativa biográfica, um período expressivo da vida da personagem parece estar mais próximo do que se caracteriza como registro um tempo em que o cotidiano se revela mais previsível na lógica da vida de atores que fazem carreira na vida política, a partir de mandatos que se renovam a cada quatro anos sem maiores surpresas e, regra geral, seguem uma lógica relativamente habitual na reprodução de práticas marcadas por favores e vícios que favorecem a reeleição a uma vaga na Câmara dos Deputados.

Afinal, o que teria Jair Bolsonaro, em termos de ousadia, no que diz respeito à busca por sucessivos mandatos, sempre na base de legendas que integram bancadas governistas, independentemente da proposta no cenário político? Foi assim que o deputado Bolsonaro passou por diversas legendas, mas jamais se afastou do grupo político que serve à frente do governo federal (no Palácio do Planalto) ao longo de três décadas. E, assim, a fase, ao

que tudo indica, mais longa da personagem biografada mostra uma prática cotidiana habitual na política brasileira: como deputado, o biografado integrou a base governista na câmara dos deputados durante o governo FHC (PSDB, entre 1994 e 2002) e Lula (PT, entre 2003 e 2010), o que totaliza quase duas décadas, passando à oposição declarada apenas a partir do segundo mandato de Dilma Rousseff (2015 e 2016), quando assume posições abertamente em defesa do regime militar, incluindo apologia à tortura e simpatia aos responsáveis pela repressão autoritária durante a ditadura no País (1964-1985).

As fases do Desafio, Recompensa e Retorno, contudo, se tornam reconhecidamente salientes, apenas quando o então deputado sai do estigma de 'baixo clero' – expressão pejorativa na cobertura política em Brasília, aos parlamentares que passam um ou mais mandatos sem qualquer reconhecimento ou visibilidade midiática, na maioria das vezes apenas votando em projetos governistas para garantir aprovação em troca de pequenos favores e condições para garantir reeleição ao próximo mandato –, que o manteve praticamente ignorado no cenário político nacional por mais de duas décadas, e assume uma posição explícita em defesa de políticas que, até então, desde o final da ditadura e a partir da Constituição Federal de 1988, pareciam fora do debate político nacional: questiona direitos trabalhistas, despreza direitos humanos e assume defesa de regimes autoritários. É, ironicamente, nesta via que a personagem Jair Bolsonaro se coloca e passa a se legitimar, na perspectiva da 'jornada do herói', como um agente político e, aos poucos, alternativa de opção eleitoral a um crescente setor de eleitores, até se tornar presidente do Brasil e, assim, aqui, caracterizar a fase de 'recompensa' a uma aposta e desafio assumido no cenário político nacional em 2018.

Se a biografia contemplasse a vitória nas eleições, sem sombra de dúvida, esse resultado seria incluso na etapa do Retorno, assim como ocorreu com a ex-presidenta Dilma. Porém, o fato de Bolsonaro decidir dar um passo a mais – ousado, diga-se de passagem – fez com que ele pudesse criar uma expectativa à legião de seguidores que o acompanham.

Em boa medida, pode-se assim entender que, por variadas razões e diferentes perspectivas, as três narrativas biográficas analisadas registram situações que marcam a vida política das três personagens analisadas, a partir da 'jornada do herói'. Logicamente, cada uma das histórias registra ênfase diferenciada nas fases da perspectiva, duração e

mesmo escolhas que as referidas personagens fizeram e ainda fazem nas respectivas trajetórias como agentes políticos. Trata-se de entender, a partir de livros que apresentam a vida de biografados e biografada, que tais atores se destacam por assumir posições que fogem a uma lógica de previsibilidade de ação no campo político e, pois, se tornam referência e, inclusive, opção de escolha eleitoral para grupos empresariais, legendas políticas e eleitores do País.

Considerações finais

O artigo observa as estratégias dos jornalistas biógrafos na construção das imagens presentes nas biografias de atores políticos em momentos de disputa eleitoral. O método escolhido é a jornada do herói, criada por Joseph Campbell na década de 1940 e adaptada ao jornalismo pelo professor Edvaldo Pereira Lima. Além disso, contribuem na contextualização do campo e cenário político brasileiro, autores como Bourdieu (1989, 2011), Casara (2017) e Souza (2015).

A versão escolhida da biografia de Lula não aborda as derrotas nas disputas presidenciais anteriores (1989, 1994 e 1998), nem a conquista de 2002 e o sucesso da reeleição em 2006. A obra também não trata da atuação do ex-presidente nos bastidores da gestão Dilma Rousseff (2011-2015) e tampouco das consequências, nas quais está envolvido, da operação Lava-Jato. Na biografia de Dilma, não foi possível o jornalista escritor detalhar os anos de governo, as acusações de corrupção, o *impeachment* e a derrota na corrida eleitoral para o Senado, em 2018. No caso de Bolsonaro, Clóvis não teve tempo para abordar o segundo semestre de campanha e as primeiras acusações de corrupção da prole, após o ex-deputado se tornar presidente do País.

Todavia, embora todos os biografados estejam vivos – portanto, a história de cada um ainda continua –, os autores dos livros selecionaram um recorte na vida do protagonista e isso influencia na cadência do texto. Tratar os 35 anos iniciais de Lula em páginas é uma coisa; retratar 63 – como ocorrido com Dilma e Bolsonaro – é bem diferente.

A análise considera ainda que as três biografias apresentam poucos pontos negativos. Os únicos desvios são as dificuldades, muitas vezes demonstradas como tragédias, porém superadas como luta ao longo da vida. Outra situação que chama a atenção é a importância da relação familiar e o tratamento que ela recebe nos três livros examinados. Talvez a afinidade de Lula e Dona Lindu seja a mais forte, pelo fato de ela estar presente, em paralelo, do início ao fim da narrativa. Se, na obra dedicada à Dilma, Ricardo Amaral se aproveita da proximidade e busca detalhar a biografada, fazendo paralelos com o cenário político do país, é nítido que Clóvis Saint-Clair tenta, pela narrativa em formato de livro, alertar os eleitores indecisos de que a escolha em Bolsonaro deveria ser cautelosa.

No que diz respeito à lógica conceitual, aqui utilizada como eixo norteador da análise metodológica, é preciso reconhecer que a perspectiva da 'jornada do herói' explora pouco as contradições que habitualmente caracterizam a trajetória biográfica dos atores políticos. Aliás, explorar a contradição é historicamente parte da técnica na entrevista jornalística, de forma mais frequente, quando se trata de setores em que a cobertura editorial se sustenta e dialoga com versões de personagens, como é o caso da política. E, pois, talvez, reside aqui um dos limites da análise, mas que obviamente também decorre de limites presentes na própria apresentação das três narrativas biográficas analisadas.

Embora em dimensões limitadas, se comparado a outras técnicas de ação midiática, pode-se considerar que o gênero biográfico é um instrumento de divulgação importante para quem deseja ser lembrado pelos eleitores. No caso de Lula, a versão final coroaria os dois mandatos presidenciais. Quanto à Dilma, a obra apresentaria a expectativa em torno da experiência feminina. E no que concerne a Bolsonaro, o livro intentaria mostrar de que forma um comportamento conhecido como truculento no passado poderia refletir num possível governo presidencial

E, por fim, é oportuno lembrar que o livro-reportagem é um produto cultural, na maioria das vezes voltado à construção da imagem de atores retratados (no caso das obras de agentes políticos), que também opera como produto midiático, muito embora – pela própria frágil história da leitura no Brasil – não registra a mesma força de expressão que outros produtos culturais (como os televisivos, publicitários e jornalísticos, de um modo

geral) nos processos de formação da opinião pública. Mas este é um tema para outra futura reflexão.

Referências

- AMARAL, Ricardo Batista. *A vida quer é coragem: A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *O campo político*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. Difel: Lisboa, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- BRAGA, Teodomiro. *O sonhador que faz: A vida, a trajetória política e as idéias de José Serra*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BURKE, Peter. A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- CASARA, Rubens R R. *Estado pós-democrático*. Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GOMES, Ciro. *Um desafio chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARTINEZ, Monica. *Jornada do herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2008.
- MIGUEL, Luis Felipe. *Dominação e resistência: Desafios para uma política emancipatória*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- NEVES, Aécio. *Quando a política vale à pena*. São Paulo: Leya, 2014.
- OBAMA, Barack. *Change we can believe in: Barack Obama's plan to renew America's promise*. Nova Iorque: Broadway Books, 2008. PARANÁ, Denise. *A história de Lula, o filho do Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PRIMO, Alex. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. In: *Intexto*, v.02, n.25, Porto Alegre, dez. 2011.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Espetáculo, política e mídia. In: *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*, 2002. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.html>. > Acesso em 10 abr. 2019.

SAINT-CLAIR, Clóvis. *Bolsonaro: O homem que peitou o exército e desafia a democracia*. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2018.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: Ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.

TRUMP, Donald. *América debilitada: Como tornar a América grande outra vez*. Porto Alegre: Citadel Editora, 2016.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

Notas

Artigo produzido durante o mestrado do autor, efetuado com auxílio da bolsa Capes.

Versão atualizada do trabalho apresentado no XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019, em Porto Alegre (RS).

Os Autores

Felipe Adam é jornalista e doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e-mail: felipeadam91@gmail.com.

Sérgio Luiz Gadini é jornalista e professor Dr. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e-mail: sergiogadini@yahoo.com.br.

Data de submissão: 26/06/2019

Data de aprovação: 24/06/2020